

Dívida pode parar de crescer

por Alaor Barbosa
do Rio

O Brasil poderá atingir o equilíbrio nas suas transações comerciais e financeiras com o exterior em 1985. A previsão é do diretor da Área Externa do Banco Central (BC), José Carlos Madeira Serrano, embora ele reconheça que ainda existam grandes incertezas sobre a economia mundial. O equilíbrio nas transações correntes significa, na prática, que o endividamento brasileiro com o exterior deixará de crescer devido a desajustes no balanço de pagamentos em 1985, com a dívida brasileira estabilizando-se em tor-

no dos US\$ 100,9 bilhões previstos pelo BC para o final de 1984.

Pelas projeções do diretor do BC, o chamado déficit em transações correntes do País com o exterior — resultado líquido da balança comercial e de serviços, inclusive juros — ficará abaixo dos US\$ 3 bilhões neste ano. A previsão inicial, acertada com o FMI, era de um déficit de US\$ 5,3 bilhões. E, no ano que vem, deverá ser melhor, podendo chegar ao equilíbrio pelas projeções do diretor do BC, devido à melhoria substancial da balança comercial do País nesses últimos meses, que deverá prosseguir no ano que vem. Serrano lembrou que, em 1983, o déficit em transações correntes ficou nos US\$ 6,2 bilhões, após atingir o pico de US\$ 14,8 bilhões em 1982.

DINHEIRO NOVO

Mas, mesmo prevendo um equilíbrio nas transações correntes do País com o exterior, o governo brasileiro vai pedir mais um aporte de "dinheiro novo" para o ano que vem, na próxima rodada de renegociação da dívida com os credores, que se iniciará na segunda quinzena de outubro. Serrano prefere não antecipar o montante de dinheiro novo, mas garante que será substancialmente abaixo dos US\$ 6,5 bilhões deste ano. Esses recursos serão necessários para reforçar o nível de reservas do País, explicou.

A caixa do Banco Central está tornando-se mais "gorda" a cada mês que passa. Na sexta-feira, o Fundo Monetário Internacional (FMI) liberou a terceira parcela do empréstimo previsto para este ano no valor de US\$ 390 milhões. E até o próximo dia 15, os bancos privados liberalão a sua parcela, com

novos US\$ 875 milhões. Esses recursos em caixa, na visão de Serrano, são a maior garantia de que o Brasil conseguirá melhores condições de renegociação com os credores externos. Até dezembro, o Brasil terá US\$ 6 bilhões em caixa.

A estratégia para a renegociação da dívida ainda continua em aberto, à exceção de um ponto: o do perfil do vencimento. O diretor do BC explicou que o governo não quer a concentração de amortizações em um único ano. E por isso vai procurar negociar com os banqueiros um esquema de vencimentos da dívida de forma a aliviar os desembolsos de curto prazo. Os empréstimos dessa fase, a terceira, serão lançados para depois de 1988, explicou Serrano.

RESPONSABILIDADE

Esta próxima fase de renegociação da dívida externa será inteiramente de responsabilidade do atual governo, mas Serrano admite que o próximo presidente da República tomará conhecimento das condições acertadas, antes da sua assinatura definitiva.

O governo brasileiro pretende continuar atuando nos foros internacionais para pressionar os governos dos países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos, a ajustarem as suas economias externas de forma a não prejudicar os países endividados. Com esse objetivo, Serrano viaja na próxima segunda-feira, dia 10, para Mar del Plata, na Argentina, quando os países latino-americanos voltarão a se reunir — a nível de ministros da Fazenda e de Relações Exteriores — para traçar uma forma de pressão sobre os países centrais, à semelhança do ocorrido em Cartagena.